

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O LEGADO DA MITOLOGIA NORDICA NO HEIMSKRINGLA

Leonardo Gonçalves Vieira

Mestrando do Programa de Pós graduação em História da PUC-Goiás

leonardo.gv1988@gmail.com

RESUMO

Trata-se de um trabalho com a obra *Heimskringla* do mitógrafo Islandês Snorri Sturluson que era historiador, poeta e homem de leis da Islândia, que a escreveu compilando a tradição oral de sua época em suas viagens à Noruega próximo ao período de 1230. Com base na obra *Heimskringla* ingressamos em um estudo da cultura escandinava do período da Era Viking de 793 a 1066, abordando a cultura e mitologia nórdica, a crença deste povo no elemento divino ao redor do deus Odin. Direcionado pela narrativa documental tanto quanto fantástica de Snorri, este trabalho segue centrado-se na figura do deus Odin e o seu arcabouço cultural advindo da mitologia em sua natureza metafórica e atemporal, se abstendo do elemento historicista do fato fielmente retratado para projetar na mesma temporalidade representada na obra de Sturluson na Escandinávia Medieval: um mundo totalmente mistificado e supersticioso onde aquilo que era evento real e aquilo se acreditava ser real se misturam na narrativa de um povo indubitavelmente credor em elementos fantásticos, que só eram explicados pela mitologia. Conforme Campbell (1990), assim como tiramos lições dos mitos gregos para compreendermos melhor o nosso lugar no mundo, utilizamos os mitos nórdicos para compreendermos o sentido filosófico e o propósito das coisas. Não devemos incorrer na tentação de observa-los com a lente da nossa atualidade de forma presentista e até mesmo anacrônica, mas nos atentarmos a elementos atemporais. Foi possível neste estudo constatar que a cultura viking na atualidade tem o viés da compreensão do receptor que possui papel ativo na narrativa histórica, promovendo um caráter dinâmico e dialógico, como afirma Martinale (2007), levando a continuidades e rupturas, distorções e alterações do precioso legado cultural Viking.

Palavras Chave: Mitologia Nórdica, Culto a Odin, Vikings.

INTRODUÇÃO

Este estudo trata de temas relacionados ao folclore e paganismo no norte da Europa, anterior à cristianização, na era viking - no contexto dos primeiros reis nórdicos. A fonte fundamental desta pesquisa toma como base o mitógrafo *Snorri Sturluson* autor da *Heimskringla*. Esse autor foi historiador, poeta, político e homem de leis da Islândia (STURLUSON, 2011, p. ix). Ele escreveu uma série de obras literárias e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

viajou pela toda Escandinávia, coletando e registrando lendas, histórias e outras tradições comuns à cultura oral daquela região Nórdica. A versão final da Hemiskringla, segundo pudemos apurar, foi terminada por volta de 1230.

A obra conta com lendas e crônicas de reis, elementos fantásticos, apresentam o imaginário e a crença nos deuses nórdicos, junto à história da Escandinávia. A Hemiskringla apresenta o politeísmo e a mitologia das populações nórdicas, narrativas sobre as quais também nos dedicamos neste trabalho. O intuito da pesquisa é abordar a obra sem reproduzir julgamentos do olhar da sociedade contemporânea sobre o passado. O ímpeto historicista de retratar a civilização viking e suas linhagens ao longo das sagas de Snorri exatamente como era o fato histórico é posto de lado para que possamos nos ater a elementos mitológicos e lúdicos que expressam o imaginário e crenças a respeito do sobrenatural e do divino como expressão da influência de Odin e seus deuses e também de figuras místicas sobre um povo indubitavelmente credor em elementos sobrenaturais.

Reafirmando o conceito da recepção (Martinale, 2007, p.300), que considera que o receptor tem papel ativo na compreensão da narrativa histórica, promovendo um caráter dinâmico e dialógico que interfere no entendimento atual, verificamos que a cultura viking não se constitui como ela realmente era, mas de uma forma distorcida, caricaturada e exagerada por estereótipos e clichês dos mais diversos que são divulgados nos recursos midiáticos e de entretenimento sedimentando principalmente uma imagem de violência e de barbarismo.

Entre os nórdicos, os ensinamentos e a espiritualidade odinista compeliavam os homens e os guerreiros a serem tal como acreditavam que Odin fosse em vida: verdadeiro e virtuoso diante de seus amigos, e terrível contra qualquer inimigo. Segundo os mitos, Odin entendia os segredos e mistérios da vida, sabia magias, além de ser extremamente sábio e, segundo a obra, só falava em rimas, sendo o pai da poesia. Ele podia cegar ou ensurdecer seus oponentes em batalha assim como incitar medo e pânico em seus inimigos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ele era tão justo e nobre em semblante, quando ele estava sentado com seus amigos, que ele alegrava os corações de todos. Mas quando ele ia para a batalha ele aparecia feroz aos seus inimigos. (...) Odin podia fazer com que na batalha seus oponentes fossem assolados com cegueira ou surdez ou pânico, e suas armas não poderiam cortar melhor que gravetos. (STURLUSON, 1230, p.10).¹

Como hoje podemos enxergar a realidade histórica da era viking sem um provável espelho historicista do evento factual fielmente narrado? Nossa resposta escapa da documentação “correta” do fato histórico por retratar elementos sobrenaturais daquilo que num tempo de misticismo podia se crer plenamente que era real.

No campo material quanto no metafísico do mito e sobrenatural, entre estas duas polaridades há algo inequívoco e atemporal no legado histórico da era viking que são: a moralidade e os significados do mito escandinavo.

Para que possamos compreender do mito seus valores éticos, morais filosóficos e espirituais que são de natureza atemporal, nós devemos nos atentar a metáforas, simbolismos e todo o tipo de comparação. Assim como tiramos lições dos mitos gregos para compreendermos melhor o nosso lugar no mundo, utilizamos os mitos nórdicos para compreendermos o sentido filosófico e o propósito das coisas. (CAMPBELL, 1990).

Não devemos incorrer na tentação de observa-los com a lente da nossa atualidade de forma presentista e até mesmo anacrônica, mas nos atentarmos a elementos atemporais.

Vikings, o povo nórdico que cultuava o deus Odin

A origem do termo Viking é um termo usado para se referir aos exploradores, piratas, comerciantes e guerreiros que invadiram e conquistaram grandes regiões do século VIII ao século XI com seus navios Dracares.

¹ Traduzido pelo autor deste trabalho.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A derivação atual do termo viking tem sido muito debatida. Sugeriu-se que tanto as formas antigas do Nórdico quanto o inglês são desenvolvimentos paralelos a partir de um verbo germânico comum que significa "retirar, sair ou partir"; que está relacionado ao vik islandês antigo, que significa uma baía ou riacho; que se refere aos da área de Vik ou Viken em torno do Oslofjord que embarcaram na invasão da Inglaterra para escapar da hegemonia dinamarquesa; que deriva de vika, um turno de serviço, ou remanescentes; que deriva de um verbo islandês antigo vikya, que significa "desviar", ou o velho Inglês wic, ou campo armado. (traduzido pelo autor deste trabalho), (RICHARDS, 2005, p. 4).²

Todo o viking era nórdico, mas nem todo nórdico era viking. Conforme o ideário europeu do século XVIII eles eram vistos como bons selvagens com diversos clichês. No século XX já havia a imagem de brutalidade e violência do homem viking construída como um estereótipo (LANGER, 2002 p. 87-88).

No imaginário moderno, a palavra imediatamente associa-se a guerreiros portando capacetes com enormes chifres laterais. Nada mais falso, aos olhos da arqueologia e da historiografia medieval. Dois séculos de investigação acadêmica demonstraram que nunca existiu qualquer tipo de vestígio material que confirmasse essa imagem. (...). O estereótipo surgiu no início do século XIX, em consequência da idealização romântica do bárbaro, utilizado como suporte para a constituição de diversas nacionalidades oitocentistas (LANGER, 2001 apud Langer, 2002 p. 85).

O segundo aspecto do estereótipo é a identificação dos escandinavos com seres impiedosos, piratas pagãos e cruéis, verdadeiros flagelos de Deus enviados para redimir os pecados dos cristãos, ou bestas selvagens que se opõe ao avanço da civilização cristã (Ibid, 2002 p. 87-88).

Sendo grandes conquistadores, com a característica de demonstrarem imensa fúria em batalha, os nórdicos em geral acreditavam em suas crenças pessoais e veneravam à Odin e seus deuses. A relevância deste tema em nosso contexto é a de que os Vikings expandiram não só seu território, mas também sua influência sobre o mundo, devido à navegação e também a mobilidade de seus dracares, saqueando, intervindo com força bruta e lutando onde quer que um navio pudesse ancorar. Financiados pela opulência trazida da pirataria, saques, comércio e todo o tipo de exploração,

² Traduzido pelo autor deste trabalho.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aproveitando-se de sua estatura avantajada, diante da anatomia mediana europeia, e movidos pelo seu estilo de vida viking de nômade navegador, pirata e guerreiro que passavam as cidades ao ferro e ao fogo e levavam tudo o que os navios pudessem carregar depois voltavam com a mesma mobilidade que estes vieram.

Um tema de suma importância é crença do guerreiro nórdico em Valhalla. Um homem do Norte, que acredita em Odin não teme tomar em batalha, sendo a vitória boa, e a morte igualmente boa. Se o guerreiro tombasse em batalha, ele iria se banquetear com Odin e os deuses *Æsir* nos eternos salões de Valhalla, bastava crer em Odin e morrer em combate que assim se iria a Valhalla após a morte. Os Vikings do Norte da Europa, mercenários por natureza aderiam às crenças odinistas e não temiam a morte.

O rico folclore, poemas e músicas independem da verdade factual contavam a mitologia que exaltava os vikings e seus feitos, onde por exemplo:

Os homens devotos do deus Odin quando em batalha entravam em um estado de fúria chamado berserk onde eram selvagens como lobos ou cães, fortes como ursos ou touros e devido a fúria berserk nem fogo nem ferro tinha efeito neles (traduzido pelo autor deste trabalho), (STURLUSON, 1230, p.10).³

Podemos constatar o fato de a crença em Valhalla ter sido a parte fundamental da mentalidade guerreira de não temer a morte que os tornava grandes conquistadores.

Quando e aonde os Vikings lutaram, eles acreditavam que as Valkyrias iriam vir. Com fagulhas saindo de suas lanças e seus corseletes encharcados de sangue, as Valkyrias iriam voar sobre os lutadores e selecionar os mais valorosos daqueles que morreram. As com elmos “escolhedoras dos mortos” então os carregaram de volta para Valhalla onde os heróis eram recebidos por Odin e seus lobos. Então em diante os guerreiros gloriosamente lutavam entre eles em cerca de um grande palácio, suas feridas curavam-se cada noite para que eles pudessem lutar de novo no dia seguinte. Isto se passou por céu na grande era da expansão Viking, e guerreiros Vikings reuniam coragem do credo que Valhalla esperava eles se estes fossem cair em batalha. A idéia de uma eterna recompensa por valor era tão profundamente embutida na cultura Viking que guerreiros até mesmo pediam aos mortos para “mostrarem” a eles

³ Traduzido pelo autor deste trabalho.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o caminho para o grande salão nos céus (traduzido pelo autor deste trabalho), (BENSEL, 2008).⁴

O poder do Mito na construção da cosmogonia e no caráter humano da divindade

É importante esclarecer o que difere a mitologia do folclore. O que é mitologia? Mitologia é o estudo de mitos ou conjunto de mitos, os mitos são, geralmente, histórias baseadas em tradições e lendas feitas para explicar as origens do nosso universo, a gênese do mundo, aqueles fenômenos naturais os quais escapavam da compreensão humana e qualquer outra coisa a que explicações simples não eram efetivamente atribuíveis ou de possível abstração. Já o Folclore significa a representação e coleta oral dos costumes e tradições que são passados de geração a geração. São as crenças, as manifestações culturais, as superstições, e, por extensão e ampliação, folclore é também sinônimo de cultura popular, vinda de cada povo e de cada nação. Mito e folclore não são sinônimos (BENJAMIN, 2017).

“A palavra folclore, grafada inicialmente folk-lore fora formada a partir das velhas raízes saxônicas em que folk significa povo e lore saber. Assim, segundo o seu criador, a nova palavra significaria sabedoria do povo” (BENJAMIN, 2017).

No livro “O Poder do Mito” Campbell (1990) menciona sobre a violência e agressividade inerente do caos que constitui o cosmos, que se originou do *Big Bang* a dezoito bilhões de anos atrás.

Um universo de inimaginável magnitude e inconcebível violência. Bilhões e bilhões de tremendas fornalhas termonucleares dispersando-se umas às outras. Cada fornalha termonuclear é uma estrela, e nosso sol é uma delas. Muitas delas, na verdade, estão se rompendo em pedaços, espalhando pelos mais longínquos rincões do espaço a poeira e o gás a partir dos quais, neste instante, estão nascendo novas estrelas, com planetas girando ao seu redor. E então de distâncias ainda mais remotas, além dessas estrelas, chegam murmúrios, micro-ondas que são ecos da maior explosão cataclísmica de todas, ou seja, o *Big Bang*, a grande explosão da criação, que, de acordo com

⁴ Idem.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

certos cálculos, deve ter ocorrido há cerca de dezoito bilhões de anos, (CAMPBELL, 1990, p.193).

O mundo sendo criado a partir do caos, inerente a um fenômeno violento que deu origem a tudo, com as explosões cósmicas termo nucleares do universo, surgindo e se transformando, pode ser comparado com o desmembramento do gigante Ymir que no começo de tudo era um só, e de seu violento desmembramento surge o mundo. Tanto a teoria do *big bang* como o mito do gigante Ymir há um violento começo do universo que surge da destruição de um corpo uno maior que dá origem a todas as coisas.

Quando alguém diz: “Imagine Deus”, a criança de nossa cultura dirá “Um velho de barba, com uma longa veste branca” (...) Em nossa cultura, sim. É nosso costume pensar em Deus como uma forma masculina, mas muitas tradições pensam no poder divino principalmente como forma feminina. (...) O fato é que você não consegue imaginar aquilo que não pode personificar (Ibid, p. 219).

Sendo assim, os deuses nórdicos de caráter humanizado, por serem deuses falíveis que possuem uma moralidade semelhante ao homem, eles possuíam forma definida e eram representados por ídolos, talismãs sendo assim acessíveis à imaginação do homem comum e fáceis de serem compreendidos em todas as suas dimensões.

O legado cultural do deus Odin

A cultura, os hábitos dos povos visitados pelos escandinavos foram influenciados pelos aspectos da crença ao deus Odin. Nem sempre os escandinavos invadiam para saquear e pilhar ao modelo dos corsários, por vezes invadiam para estabelecer colônias agrícolas e plantavam seu sustento e seu legado cultural. Uma vez que dominavam o conhecimento de navegação e a tecnologia náutica, viajaram pelos mares alcançando primeiramente a região onde hoje é o Reino Unido, e também a Groelândia, o Mar Mediterrâneo, dentre outras regiões longínquas, estabelecendo assim intercâmbios culturais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao que tudo indica, os deuses nórdicos surgiram na região da Alemanha, e então esses deuses se espalharam para os territórios vikings e até mesmo para as terras no atual Reino Unido onde os povos vikings batizaram os dias da semana em nome dos deuses como legado cultural. O dia da semana, terça feira Tuesday (“tues” do deus Tyr), quarta feira Wednesday (“wednes” do deus Wodin, ou Odin), quinta feira Thursday (“thur” do deus Thor) e sexta feira Friday (“fry” da deusa Frigga) (GAIMAN, 2018 p.11).

Odin era o mais poderoso e mais velho dos deuses, sendo um grande conhecedor de segredos, ele sacrificou um de seus olhos para conseguir conhecimento das coisas, além de ter sacrificado a si mesmo para obter poder e sabedoria aprendendo as runas e seus mistérios. O deus Odin se enforcou, pendurando-se na Yggdrasill e ficou lá por nove dias e nove noites, seu peito foi perfurado por uma lança severamente enquanto era flagelado pelos ventos frios do Norte. Ele nada comeu e nada bebeu por nove dias e nove noites, enquanto sua vida se esvaia lentamente. Em meio a dor e a agonia Odin teve uma revelação na qual as runas se revelaram a ele e ele absorveu a sabedoria das runas obtendo um imenso poder da magia rúnica quando então a corda se rompeu e com um grito ele despencou da árvore. Ele então passou a dominar a magia das runas e o mundo passou a pertencer-lhe. (Ibid, p.19-20).

Odin tem muitos nomes, é o Pai de Todos, o Senhor dos Mortos, o deus da força. É o deus das cargas e dos prisioneiros e recebeu um nome diferente em cada país que fora venerado, mas sempre este nome se remetia a Odin. Ele viajava para diversos locais disfarçado em meio as pessoas comuns geralmente usando um manto e chapéu. Odin possuía dois corvos, chamados Hugin e Munin, seus nomes significam respectivamente pensamento e memória. Os corvos de Odin viajavam o mundo e traziam conhecimento a ele sobre todas as coisas. Odin sentado em seu poderoso trono em Hlidskjalf pode ver todo o mundo e tudo o que está acontecendo, e nada pode se ocultar de Odin em todo o universo (Ibid, p.20).

Dizia-se que Odin trouxe a guerra para o mundo. Ao começarem uma guerra, havia dentre vários ritos tradicionais de dedicação a Odin um rito em que um soldado atirava uma lança aos pés do exército inimigo dedicando a batalha e suas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mortes a Odin, quem sobrevivesse era por sua graça e quem tombasse era traído por ele (Ibid, p.21).

A influência do paganismo nórdico nas bandas de Metal

Temos aqui uma letra de música traduzida do alemão para o inglês e do inglês para o português da banda de Viking Metal chamada Menhir sobre o sacrifício de Odin no qual o deus sacrificou a si mesmo ferido e pendurado nos galhos da árvore do mundo Ygdrassil em um momento de profunda agonia foi lhe revelado o mistério das runas:

Banda de Metal Viking: Menhir

Álbum: Ziuwari

Música: Wotans Runenlied (Canção Rúnica de Odin)

Letra do alemão para português:

Eu sei que eu pendurei na árvore ventosa
Ferido dado por nove noites
A sabedoria para ganhar um olho eu dei

Dedique eu mesmo o Wotan - eu mesmo
Apenas alguns conhecem essa árvore
De que raízes - raízes ele cresce
Eu aprendo nove músicas do querido irmão

O Bestla o Bölthornsohn
De Odrörir o Delst Met, tomei uma bebida
Eles não me davam comida ou bebida

Eu me inclino e peguei as barras
Levou-a a gemer, depois caí
Ela aprendeu gritando e afundou de volta na vida
Eu comecei a crescer e provavelmente a prosperar

Eu comecei a crescer e provavelmente a prosperar
Eu estava lá
A palavra me levou de palavra em palavra
Planta me levou de planta para planta

Eu sei que eu pendurei na árvore ventosa
Ferido dado por nove noites
A sabedoria para ganhar um olho eu dei

Dedique eu mesmo o Wotan - eu mesmo
Apenas alguns conhecem essa árvore
De que raízes - raízes ele cresce

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Eu aprendo nove músicas do querido irmão

Eu comecei a crescer e provavelmente a prosperar

Eu estava lá

A palavra me levou de palavra em palavra

Planta me levou de planta para planta, (MENHIR, 2001).

A partir dos anos 80 surge o gênero de música derivado do Rock And Roll chamado Metal, nos anos 90 surgem diversas variações do Metal a partir do Heavy Metal, sendo uma destas variações o Viking Metal que fala sobre a cultura viking, os tempos da era viking, por vezes sobre o paganismo nórdico, sobre seus mistérios, suas lendas e seu folclore.



Figura 1. Capa de CD do álbum Ziuwari, banda Menhir (MENHIR, 2001)

O Neo-Paganismo Àsatru e a crença em Odin nos dias de hoje

Segundo o livro: “The Religion of Odin” do autor Irv Slauson. (1978), os princípios e crenças do culto a Odin são retomadas de sua origem escandinava medieval da era viking e reconhecida como a religião natural da Europa, antes mesmo da religião cristã. A palavra Àsatru significa Àsa (deuses do Norte) Tru (verdadeiro, leal) ou seja, leal aos deuses do Norte. Esta religião neo-pagã se baseia profundamente na identidade racial dos Europeus brancos de descendência ariana e não será tratado com aprofundamento e relevância aqui pelo fato de ser uma religião profundamente enraizada em princípios racialistas, segregacionistas e por vezes de supremacia da raça

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ariana como mencionada no livro pelo sacerdote da sociedade rúnica de Miluake em Wisconsin, o “elder” desta seita neo-pagã o N. J. Templin em sua carta no livro em questão diz que “a raça ariana é a raça escolhida” que deve prevalecer sobre as outras raças, menciona:

Nossa missão é santa e nossa causa é sagrada! Por esta razão, nós devemos não falhar! Há apenas uma raça escolhida da natureza, a Ariana! (...) Nossa religião demanda a alma de cada membro! (...) Apenas através de acordar a consciência racial ariana, por meio da nação de Odin, poderemos ter a esperança de parar futuras tragédias sangrentas. (TEMPLIN in SLAUSON, 1978, p.15).⁵

A religião Àsatru ao longo do livro de Irv Slauson demonstrou-se ser uma religião extremamente alicerçada em princípios de raça e identidade racial segregacionista onde as raças preservam-se sem miscigenação e acima de todas as raças há a raça ariana, ou seja, é uma religião (ou talvez o termo certo seja uma seita) claramente de supremacia branca muito embora não declaradamente nazista ou fascista em seu cerne. Não me aprofundarei nos detalhes nesta religião ou culto, objeto de pesquisa a parte. Com sua associação aos princípios de supremacia racial, ao mesmo tempo em que o Àsatru é hoje um credo espiritualista de retomada de alguns princípios Odínistas, em termos de orientação moral, valores e condutas provenientes da moralidade advinda do antigo culto pagão politeísta a Odin e os deuses Asgardianos da era viking, seu viés mistura estas crenças éticas e morais com elementos de segregação e racismo.

O culto ao deus Odin hoje em dia para os extremistas, se tornou o credo espiritualista preferido por muitos nazi-facistas crentes na supremacia da raça branca ariana que se referem ao credo em Odin como o ícone simbólico de associação a princípios advindos da extrema direita, infelizmente. Hoje em dia estes indivíduos muitas vezes tratam Odin de forma associativa, como se fosse o elemento aglutinador de toda a mentalidade nazi-facista e seus dogmas, tabus e desdobramentos, tendo Odin como seu mascote fascista favorito.

⁵ Traduzido pelo autor deste trabalho.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Odin nada tem de extremismo político, nem hoje em dia nem no passado referente à era viking, mas foi inapropriadamente associado desta forma como credo espiritual preferido da extrema direita e de sua supremacia branca analogicamente da mesma forma em que associaram a figura do templário com o fanatismo religioso ultraconservador de extrema direita para ser seu ícone, seu símbolo associativo.

Nos últimos tempos, o antigo panteão nórdico ganhou ampla representação na mídia. Mitologia Nórdica e Deuses Americanos, ambos livros do inglês Neil Gaiman; Vikings, série da Netflix; o último God of War, videogame publicado pela Sony e, claro, o herói Thor (e muitos personagens relacionados a ele como Loki) do universo Marvel ajudaram no renascimento dessa religião considerada morta há séculos. É um aspecto interessante de uma cultura tão rica quanto antiga. (...)

Na Escandinávia, ainda é possível encontrar poucos devotos de Odin e seus companheiros. O Pai de Todos, como é conhecido (além de nomes como Wotan, Woden e vários outros), é o deus da guerra e da sabedoria, sendo o mais poderoso e reverenciado.

O problema é que esse retorno ao paganismo está influenciando uma premissa perigosa: grupos neonazistas estão se apropriando dessas antigas crenças para seus ideais de supremacia branca, principalmente no contexto da crise de imigração vivida pela Europa nos últimos anos. (...)

A escolha da figura de Odin não é ao acaso, sendo extremamente perigosa. O deus da guerra é comandante da Valhalla, um imenso salão para onde iriam os guerreiros nórdicos que morriam nas batalhas. O espírito viking como povo aventureiro e conquistador também atrai muitos a uma espécie sórdida de recrutamento, com ideias maniqueístas de que há um inimigo definido. No caso, todos aqueles que não são brancos, representados fortemente na figura do imigrante. (...)

Há um outro lado. Muitos dos praticantes dos antigos rituais não são neonazistas, mas existe o medo de que se crie um estigma em torno, principalmente, da figura de Odin, da mesma maneira que ocorreu com a Suástica e a Saudação Romana (BUONO, 2019).

CONCLUSÃO

O Culto ao deus Odin conforme ele foi em sua raiz escandinava e todos os seus desdobramentos a partir daí nos remete ao politeísmo do panteão Asgardiano e seu arcabouço de crenças e de credos, de lógica própria e de mentalidades características, que foram abordadas neste estudo que tem enfoque no mundo intangível,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

metafísico, sobrenatural e subjetivo, seus símbolos e no seu sistema mítico próprio. Assim como existem muitos outros sistemas de crença em outros panteões, como o culto aos deuses gregos que são liderados por Zeus ou os deuses hindus liderados por Krishina ou os deuses egípcios liderados pelo deus solar Rá, esta pesquisa teve a intenção de revelar quem é Odin e como foi e é o sistema de crenças dos deuses escandinavos liderados por ele, um deus guerreiro de um povo guerreiro. Odin foi e é pedra angular, epicentro para compreender a mentalidade inerente do guerreiro nórdico assim como a mentalidade do povo viking, no período medieval da era viking em franca expansão territorial e cultural na Escandinávia do século VIII ao XI em maior parte. Tal civilização prosperou comercialmente e militarmente como poderosos corsários.

Constatamos que o viking é um homem específico, de um período característico, de local, clima e também de trato característico. Foi abordado neste trabalho o legado de um povo, o povo escandinavo do dado período medieval tido como era viking, cultuando um deus guerreiro de nome Odin, se devotando aos seus costumes religiosos e éticos inerentes. Assim como todos os outros deuses que se subordinam a liderança deste sábio e poderoso “deus dos deuses” asgardianos, tido como o “pai de todos” entre este e todos os outros dos nove mundos míticos, entre Asgard o reino dos deuses e Midgard o reino dos homens, da mesma forma este influencia fisicamente em todos os locais alcançados pela cultura dos nórdicos.

“A Antiguidade, nessa perspectiva, muda constantemente o mundo em que vivemos, ao passo que, esse mundo também muda a Antiguidade” (Silva; Funari; Garraffoni; 2020). À exceção de grupos extremistas, certas bandas de música revivem as crenças e o nostálgico estilo de vida dos devotos do deus Odin, como também a glória do guerreiro viking, nos salões eternos de valhalla. A imersão nessa temporalidade viking tem dentre outras, a intenção de reviver o que foi no medieval e ainda hoje é, uma oposição de natureza não cristã frente ao cristianismo dominante.

Esta crença em Odin ecoa através da história com todas as suas continuidades e rupturas, distorções e alterações do culto ao deus Odin, constituindo seu precioso legado cultural.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIM, Roberto. **Conceito de Folclore**. Texto Unicamp. Disponível em <http://www.unicamp.br/folclore/material/extra_conceito.pdf>. Acesso em 06 dez 2017.

BENSEL, Richard F. **Valor and Valkyries: Why the State Needs Valhalla** in Polity Forum: Politics, History, and The State of the State. Volume 40, Number 3, July 2008. Disponível em: <<http://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1057/pol.2008.2?journalCode=pol>>. Acesso em 05 dez 2017.

BUONO, Vinicius. **Por que Odin virou referência para grupos neonazistas?** AH Aventuras na História. Matérias. Civilizações. Revista Digital UOL. 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/odin-o-neonazismo-e-o-paradoxo-da-tolerancia.phtml>>. Acessado em 05/05/2020.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

GAIMAN, Neil. **Mitologia Nórdica** / Neil Gaiman; Tradução de Edmundo Barreiro. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LANGER, Johnni. **Os Vikings e o Estereótipo do Bárbaro no Ensino de História**. História & Ensino, Londrina, v. 8, p. 85-98, out. 2002.

MARTINDALE, Charles; HARDWICK, Lorna. Reception. In: The Oxford Classical Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível em: Disponível em: <<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-5507?rskey=Z17s5H&result=1>>. Acesso em: 07/04/2021.

MENHIR. Wotans Runenlied. álbum Ziuwari. Gravadora Skaldic Art Productions, Germany, 2001. Disponível em < https://www.discogs.com/pt_BR/Menhir-Ziuwari/release/1705780> Acesso em 19/05/2020.

RICHARDS, Julian D. **The Vikings a Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2005.

SILVA, G. J.; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R.S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. Revista Brasileira de História, vol. 40, no. 84, São Paulo, May/Aug.2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882020000200043&script=sci_arttext>. Acesso em 07/04/2020.

SLAUSON, Irv. **The Religion of Odin** (1978) editora Asatru Free Church Committee of Red Wing, Montana.

STURLUSON, Snorri, FINLAY, Alison. **Heimskringla I: the beginnings to Óláfr Tryggvason**. Viking Society for Northern Research. London, 2011.